

183
J. A. PIRES DE LIMA

**O "Leal Conselheiro,"
lido por um anatómico**

SEPARATA DO «JORNAL DO MÉDICO»

N.ºS 60 E 61 DE 1943

/

PÔRTO
COSTA CARREGAL

J. A. PIRES DE LIMA

**O "Leal Conselheiro,"
lido por um anatómico**

**O "Leal Conselheiro,"
lido por um anatómico**



R. 154706

PORTO
COSTA-CARRERAL

J. A. Pires de Lima

o "Real Conselheiro,"
lido por um anatómico



SEPARATA DO JORNAL DO MÉDICO

Nº 50 N. 11 DE 1913

R. 124708

PORTO

COSTA CARREIRA



DOM EDUARTE

Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta

(Segundo uma gravura de Pedro de Mariz — diálogos de Varia Historia, em que se referem as vidas dos Senhores Reys de Portugal, com os seus mais verdadeiros retratos — Lisboa M.D.CC.XLIX)



*«Mas, para defensão dos Lusitanos,
Deixou quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que dantes:
Ínclita geração, altos Infantes.»*

LUS. C. IV

E CONHECIDO o catálogo da livraria particular de El-Rei D. Duarte; por isso não é difficil descobrir as fontes do «Leal Conselheiro», as obras em que se inspirou o régio autor para escrever o famoso *A B C da Lealdade*.

Mais de uma centena de manuscritos encerrava a biblioteca do Rei eloquente, redigidos quer em latim, quer em português.

Predominavam as obras filosóficas e religiosas, livros de viagens e de astrologia, vélhas obras médicas e literárias, trabalhos de reis e príncipes, obras históricas e de cavalaria, livros de jurisprudência e de lavoura, etc.

Para mostrar a grande e variada cultura do mais vélho dos infantes da ínclita geração, bastará citar, abreviadamente, a seguinte lista das obras que sempre tinha à mão o autor infeliz do «Leal Conselheiro»:

Marco Paulo
Milagres dos Santos
Breviário
Dialéctica de Aristóteles
Avicena
Sêneca
Evangelhos
Actos dos Apóstolos
Génesis
História Geral
Salomão
Crónicas de Espanha e de Portugal
Livro dos Mártires
Livro de Tristão
Livro de Montaria
Segredos de Aristóteles
Livro de Galaaz
Trovas de El-Rei D. Deniz
Côrte Imperial
Livro da Lepra
Livro da Lógica
Livro das Prêgações
Meditações e Confissões de Santo Agostinho
Livro das Horas
Cidades e Vilas de Portugal

Virtuosa Bemfeitoria
Ordenações dos Reis
Cícero
Trovas de El-Rei D. Afonso
Livros de Astrologia
Livro de rezar
Livro de cavalgar
Etc....

Propondo-me analisar, sob o ponto de vista anatómico, o *Leal Conselheiro*, logo previ que seria escassa a minha colheita, pois, antes da Renascença, estavam atrasados os conhecimentos de morfologia humana.

Pelo mesmo motivo, igual penúria encontrei ao estudar as obras de Fernão Lopes e de Gil Vicente (1), o que não acontece mais tarde, por exemplo, com o seiscentista Bernardes.

De acôrdo com a filosofia aristotélica e a crença cristã, filosofia tão sua conhecida e doutrina que tão escrupulosamente praticava, D. Duarte, como aquêles dois grandes escritores, era espiritualista: de corpo e de alma considerava, pois, constituído o Homem.

Centenas de vezes ocorrem naquele livro a palavra *alma* e o seu sinónimo *espírito* e o mesmo sucede com a palavra *corpo*.

No seguinte passo do «Leal Conselheiro» (Cap. VII) (2) podemos ver as idéias defendidas por Dom Duarte:

«Mas se bem consiirarmos acharemos que o homem per nome he chamado toda criatura, ca as pedras ham seer mas nom vyvem, nem sentem. E as hervas e as arvores ham seer e vivem, mas nom sentem; vivem, digo, nom per alma de seentido mas per verdura...

Porem de toda criatura alguma cousa tem o homem, ca tal tem comuu seer com as pedras, viver com as arvores, sentir com as anymallias, entender com os angios.»

Encontram-se neste livro muitas referências à constituição, temperamento, fisionomia e outros dados antropológicos.

A respeito do pecado da soberba (cap. X), fala nos «poderes, riquezas, sotilleza, manhas, *boo parecer*, fortelleza de coração e do corpo».

Várias vezes fala da *compleição*, como no seguinte passo do cap. XX: «compre proveer a ssaude do corpo, por que eu tenho sentido do que, ainda que taaes feitos per mostramça bem sejom soportados, a compreissom se gasta e desconcerta».

Também no cap. XXXII, ao tratar do pecado da gula, alude ao *derribamento de compreissom*.

No capítulo sôbre as *maneiras damar* (R IIII), alude à *concordança de compreysom*.

Também no cap. XXXIX, fala nas «mudanças que as vyandas e o leite fazem em nossas condições e compreyssoões».

No cap. LVII, ocupa-se de indivíduos que «som tam soturnos, tristes e asperos que com alguém nam podem converssar. E todo

(1) J. A. Pires de Lima — *Questões de linguagem científica*, Pôrto, 1942.

(2) Sirvo-me da edição de 1942, organizada pelo Professor Piel.

esto prudencia faz temperar, posto que per natural compreysom e aazos alguu extremo desejemos de teer».

E no cap. LXXIII, «Do contentamento», lê-se :

«Da compreissom, manha, saber, condiçom, virtudes, em quanto reguardarmos ao que nosso senhor deos nos tem naturalmente outorgado...»

Comentando um tratado de S. Tomás de Aquino acêrca do pe-rigo da conversação das mulheres (Cap. RVII), por duas vezes fala na *figura* ou *figura corporal*.

E, ainda no mesmo capítulo, se refere à *face* de Deus e à *face* da criatura.

Apesar de virtuoso, Dom Duarte apreciava a *beleza feminina*, como se lê no cap. XXIII :

«E ssentio per graça de nosso senhor que boa, sages, bem parecente e graciosa molher, com que homem seja casado, e se muyto amem, he grande remedio contra a tristeza e semfadamento.»

Nos Cap. XVIII e XIX, fala da *doença de humor menencorico*, da qual o autor padeceu e se curou, usando de meios fisio- e psicoterápicos.

No Cap. XXIV, trata do «sobrepoejamento dalguus humores que desgovernam o corpo».

Também se ocupa do carácter dos freimáticos (Cap. xxxvi), bem como da freyma do estamago (Cap. C).

O Cap. LXXXIII trata «da semelhança que ao andar dereito na besta podemos filhar», isto é, da attitude viciosa do corpo derivada da arte de cavalgar, assunto mais largamente versado em outro livro de D. Duarte.

O corpo humano é constituído por *carne, ossos e sangue*.

Acreditava Dom Duarte que a morfologia dos ossos era invariável. Veja-se o seguinte parágrafo do Cap. I :

«Nom creamos que os homees daquel tempo eram mayores, ca se virem os ossos antigos, outros semelhantes se acharóm.»

E, no Cap. XII, aludindo ao Salmo III, fala na «palavra de David onde diz que o senhor quebrantarâ os ossos daquelles que fazem seus feitos principalmente por prazeres aos homees».

Assim como só nesses dois passos se refere aos *ossos*, da mesma forma, só duas vezes alude ao *sangue* :

Cap. RII : «Depois de aquella graça geeral do bautismo, e depois do bem perfeito e preçado dom do martirio que se ganha per lavamento do sangue som muitos os frutos da peendenza por os quaaes vem a lympeza dos pecados.»

A segunda citação, também de carácter místico, é da «Oração do Justo Juiz» (Cap. LRIX) :

«Tu que do ceo descendisti
enno ventre virginal,
hu, tomando logo carne,
livraste o ssegre de mal,
per teu sangue precioso
de perdiçom eternal.»

Pelo contrário, a palavra *carne* ocorre a cada momento.

A maior parte das vezes, essa palavra é empregada para indicar o pecado da luxúria, que muito preocupava as figuras austeras dos primeiros tempos da Dinastia de Aviz. Vejamos alguns passos do «Leal Conselheiro» a tal propósito:

Cap. xxxv — «Manifestas som as obras da carne, as quaaes som fornyzio, çugidade, avareza, luxuria e servidoõe dos ydolos, inimizades, demandas, rifaria, hyra, reixas, desacordos, seitas, envejas, homecidas, bevedices e outras cousas a estas semelhantes, das quaaes digo, como ja antes disse, que os obradores de taaes feitos o rreino de deos nom averom.»

Cap. rvii, já citado, que resume as idéias de S. Tomás de Aquino acêrca do perigo da conversação das mulheres:

«Mas podes dizer:—Ja o corpo meu morto he—, e ssem tal sentido nom confiees porem, ainda que assy fosse, que posto que a carne morta seja, o diaboo vyvo he, cujo sopra he de tanta força que faz arder as brasas mortas e os carvoões em fogo.»

Talvez provenha daqui o ditado, ainda hoje corrente: «O lume ao pé da estopa, vem o diabo e sopra»...

Muitas outras citações poderia fazer a respeito do *amor luxurioso e carnal*, dos *senssuaaes desejos*, dos *desejos da carne*, dos *conselhos carnaaes*, do *amor carnal*, do *spiritu de luxuria*, dos *abraços e tangymentos çujos*, dos *tocamentos çujos*, dos *beijos luxuriosos*, da *çujaão da carne*, do *fedor da luxuria*, da *çuja carne*, mas levar-nos-iam longe de mais as considerações sôbre tais assuntos.

Condensarei as idéias profiláticas contra aquêlpe pecado na seguinte frase lapidar de S. Jerónimo, traduzida no *Leal Conselheiro* (mesmo Cap.):

«A mulher que tu vyres de honesta vyda e de sancta conversaçom, dêvella a amar, mas nom ir amehude onde ella esta corporalmente, por que amehude vyzitar as mulheres começo he de luxuria, nem podes per melhor arte vencer o mundo com as mulheres que fugyndo dellas.»

A *çuidade de mulher*, o perigo das *deleitaçoões carnaaes* são muitas vezes tratados.

Mas é tempo de deixar o escabroso tema e de procurar têrmos anatómicos nesta obra de Dom Duarte.

Para isso, como fiz para Fernão Lopes (¹), dividirei o corpo humano nos segmentos: cabeça, pescoço, tórax, mêmbro superior, abdómen e bacia, membro inferior.

A *cabeça* é várias vezes mencionada.

No Cap. II diz que a memória pode derivar da alma ou dos sentidos, pertencendo esta à cabeça.

No Cap. xviii, que se ocupa da tristeza, considera-a causa ou *cabeça de pecado principal*. E, no já citado cap. xx, informa que a lembrança pode provir da cabeça ou do coração.

Do Cap. lxvii, que se ocupa de diversos pecados e outras faltas, extrairéi os seguintes passos, onde se fala de *gaguêz* e outros *defeitos corporais* e *gestos desagradáveis*:

«Quanto aos costumes, leixando gago e semelhantes fallicymen-

(¹) J. A. Pires de Lima — *loc. cit.*

tos naturaaes, erramos per fallar muyto sobejo, mynguado, trigoso, vagaroso, mais baixo ou alto que pertence, sem boa contenença da boca, oolhar, cabeça e mãos.»

Erramos «em ouvyr, leixando maa contenença dabrir a boca, torcer a cabeça, estirar dolhos, que se pode per boo custume scusar».

Por último, fala ainda na cabeça no Cap. CI: *Na rroda pera saber as oras quantas som de manhã, noite, ou depois.*

Já vimos que emprega o têrmo *face*; e também fala em *rostros*, dizendo que a prudência se pinta com tres, para lembrarem as coisas passadas, se considerarem as presentes e prever as futuras (Cap. L). Também usa o têrmo *queizada*, como sinónimo de *face* (Cap. xiv).

Na *face*, é a *boca* a região de que se fala mais vezes.

Dom Duarte abominava o pecado da gula, a que chamava *gurgantoyce* e, por isso, várias vezes alude à *bôca*, como no passo do Cap. xxxiii (Da deferença dos jejuus):

«Per boa temperança da boca se percalçam todas boas fiis. Prymeira, quanto aa consciencia, vencendo aquelle pecado per que os prymeiros parentes foram vencidos. Segunda, da honrra, recebem louvor de huu tam boo nome que he digno de gram contentamento, scilicet que som bem senhores de sua boca, e se governom bem e discretamente.»

No Cap. LXVII occupa-se do *vicio de posição* de diversas partes do corpo, como por exemplo:

«Aa boca perteecem estes fallcimentos, leixando feiçom: nom boa contenença, myngua de graça em fallar e riir, que se nom pode enssynar.»

Em outros lugares se ocupa da *má posição da boca*.

O Cap. LXX é especialmente dedicado aos *pecados da boca*, relativos ao mau emprêgo da palavra falada.

E outras vezes a palavra *boca* entra em frases relativas ao mesmo assunto.

Do conteúdo da cavidade bucal, Dom Duarte fala apenas dos *dentes* e da *língua*.

A primeira referência aos dentes é no Cap. I, em que Dom Duarte divide a vida humana em grupos de sete anos: «Aaos sete se mudam os dentes», aos catorze vem a puberdade, aos 21 termina o crescimento, aos 28 está o corpo em pleno desenvolvimento, etc.

No Cap. LRII alude ao inferno, onde, segundo S. Mateus, só haverá chôr e ranger de dentes.

No Cap. c (do regimento do estamago) aconselha a *comer bem mastigado*.

No já citado Cap. L, em que trata da prudência e outras virtudes, assim se refere à *língua*:

«O quynto, que seja cortês e de doce lyngua, em tal guysa que a lyngua responda ao coração e ao pensamento; e sua falla seja tal que lhe convenha.»

E no Cap. LV aconselha a ter *lyngua pronta, graciosa, com todo boo geito e soom da falla*.

Mais adiante tratarei do *cantar de lyngua*, a propósito da laringe e suas funções.

No Cap. RIII alude aos sentidos, que denomina *veer, ouvyr*,

cheirar, tanger e gostar e refere-se mais freqüentemente ao aparelho da visão.

Grande número de vezes fala em *olhos* o *Leal Conselheiro*.

No Cap. VII, em comentário ao Evangelho segundo S. Lucas, diz: «presente elles se levantou, e hua nuvem o recebeo d'ante os seus olhos».

No Cap. XVI, que trata da ira, lê-se:

«Ca nom entendamos que nos he dado lugar por cousas que razoadas parecom haver sanha, como assy seja que qual quer cega os olhos da razom, pois que deferença sera pera tirar a vista: poer ante os olhos pasta de chumbo, ou douro?»

No Cap. XXX, sôbre o pecado da luxúria, cita o versículo de S. Mateus: «Da vista diz o ssenhor, que se nossos olhos forem simprezes, averemos corpos limpos e claros, e se malleciosos, seram treevosos.»

No Cap. XVIII alude à falta de serenidade, confrontando-a com «aqueel que tem veeo posto ante os olhos vee as cousas».

No Cap. RII, sôbre os frutos da persistência, duas vezes fala em *lágrimas*:

«E por a chuyva das lagrimas percalça o homem rellevamento dos pecados, segundo aquello: — Lavarey em cadahua das noytes o meu leyto, e regarey o meu estrado com as mynhas lagrimas».

Dom Duarte distinguiu os *olhos da alma* dos *olhos corporais*. Sôbre a prudência (Cap. LI), diz: «Prudencya he assy como um olho da alma, per o qual em todallas cousas per que o pryncipe o poboo deve de seer bem encamynhado. Ergo, se o principe carecer de tal olho...»

Acêrca da profilaxia da peste (Cap. LIV), fala expressamente nos olhos corporais.

No Cap. LXVII, depois de se referir à miopia e ao estrabismo, occupa-se, de maneira muito curiosa, da expressão das emoções pela diversa maneira de olhar. Oiçamos D. Duarte:

«Nos olhos — leixando curteza ou nom dereita vista e semelhantes nynguas naturaes, em que nom podemos enmendar — eu vejo certos fallicimentos de nom boa contenença scilicet olhar sobervo, ryjo, sobejo, loução e orgulhoso, desassessegado, ajudengado, muy symprez, pesado, refiam, demonstrador de levydoõe, preguyça ou dengano».

Parece que estamos a ler uma página de Santucci (1), acêrca da acção dos músculos motores do olho. Os músculos intraorbitários são assim designados por Santucci: *Soberbo* o recto superior, *Humilde* o recto inferior, *Indignatório* o recto externo, *Bibitório* o recto interno e *Amatórios* os oblíquos. A ciência do Século XVIII, neste ponto, pouco avançava à do Século XV. Todavía, sabe-se hoje que é bem mais complicada a fisiologia dos músculos motores do globo ocular...

Ocupando-se, no Cap. LXXI, dos *pecados da obra*, D. Duarte enumera as suas diversas causas: «Pecar per vista, audytu, olfatu, gustu, tauto, per os olhos, per camynhos, per geestos, per mandados...»

(1) *Santucci* — Anatomia do corpo humano — Lisboa, 1731.

Outras vezes fala o *Leal Conselheiro* no aparelho da visão, referindo-se também à *cegueira*, a propósito da cura realizada por Cristo, de um cego de nascença (Cap. LXXXVII), sobre os que se fingem cegos (Cap. LXXXVIII).

Finalmente, no Cap. seguinte, sobre a liberalidade, aconselha as pessoas a ser caritativas, dando de comer aos «pobres, fracos e cegos».

Depois da ampla colheita a respeito do sentido da vista, passamos a tratar dos aparelhos da audição e da olfacção, dos quais só encontrei citado três vezes o primeiro e uma só vez o segundo.

No referido Cap. LXXXVIII fala, de maneira figurada, nas *orelhas do nosso coração* e, no Cap. LR, volta a aludir à *orelha do coração*.

E, no Cap. LRII, pela terceira vez fala em *orelha*.

No Cap. LXVII, ocupando-se dos pecados provocados pelo olfacto, uma única vez fala dos *narizes*:

«Aos narizes, leixando feiçom e alguns nom boas contenenças que alguns filham de maao custume, outro fallicimento hi nom ha senom sobeja deleitaçom de boos cheiros, e delligencia de os aver ou trazer com entençom corrupta de luxuria, gargantoyce, ou de ssobeja folgança na dulçura delles.»

Como se vê, não é dos mais perigosos o sentido do olfacto...

Salvo qualquer omissão, creio que recolhi todos os termos do *Leal Conselheiro* acerca da morfologia da cabeça humana. Apesar de não ter sido grande a colheita, desde já declaro que este segmento do corpo é o mais largamente tratado por Dom Duarte.

Quanto ao pescoço, raros são os termos empregados.

O Rei eloquente refere-se ao *colo* do cavalo, a propósito duma atitude na equitação, arte em que era mestre: «Com estes homees nos devemos aver como aquel que aos cavallos bem sabe trazer a maão que, conssiirando seu geito, lha traz branda, ou mais teente, alta pelo collo arriba, ou mais baixo e çarrada» (Cap. RIII).

No Cap. LXXXVII emprega D. Duarte o termo *pesçoçadas*, cujo significado perturbou um tanto o douto comentador da edição de 1942: «por me nom alevantar em soberva a alteza das revellações, he me dado huu estimo da carne messegeiro de satanas, que me dê pesçoçadas».

O ilustre comentador vai buscar à Bíblia a fonte deste passo: «E, para que a grandeza das revelações me não ensoberbecesse, foi-me dado o estímulo da minha carne, que é como um anjo de Satanás, que me esbofeteie» (1).

Parece-me que não será muito estranhável a tradução de esbofeteiar por *dar pesçoçadas*.

Ainda hoje, os rapazes brigões ameaçam os adversários de lhes dar um *cachaço*, termo que quer dizer nuca, parte posterior do pescoço (2).

Uma das preocupações de D. Duarte era a maneira como devia executar-se a música sacra.

(1) 2.^a Ep. aos Coríntios, XII, 7.

(2) *J. A. Pires de Lima* — Questões de linguagem científica — Pôrto, 1942, p. 29.

Lê-se no fim do Cap. LRVÍ :

«Item se devem de guardar cantar de lyngua, nem de desvai-ramento de boca, mas soamente cantem de papo, cada huu melhor que poder.»

Papo é sinónimo de laringe, como já tive ocasião de dizer a propósito de um passo dos «Panegíricos» de João de Barros (1).

A respeito das expressões: *cantar de papo*, *cantar de língua* e *de desvaiamento de boca*, consultei o *Maestro* Afonso Valentim e cheguei à conclusão de que se tratava, porventura, de maneira arcaica de mencionar os diversos registos da voz humana (2).

Não se esqueceu Dom Duarte de falar, no mesmo Cap., na *muda de voz* por ocasião da puberdade :

«Item que quando estes moços forem em tal hidade que mudem as vozes, helhes grande bem fazerlhes leer latym per dous ou tres annos».

Passemos agora à terminologia relativa ao tórax.

Na homilia de S. Gregório, transcrita no já várias vezes citado Cap. VII, encontra-se esta referência ao *peito* : «Ca por certo elle, duvydando, os signaaes das chagas do senhor palpou e do nosso peito a chaga da nossa duvyda cortou.»

Também emprega o termo *lado* no seguinte passo do Cap. RII :

«O filho mostra o llado e chagas a seu padre, e a madre os peitos e regaço ao filho por aver piedade dos pecadores.»

Nesta frase, o termo *lado* designa a parede tórácica, e a palavra *peitos* refere-se à região mamária.

Do conteúdo do tórax, de um só órgão fala Dom Duarte : o *coração*, que é mencionado mais de 170 vezes. Mas, para o autor, não se trata do órgão central do sistema circulatório, pois coração é, por assim dizer, sinónimo de espírito, alma, coragem, etc.

Para exemplo, vejamos os seguintes passos :

«huu dia recebendo hua enformaçom, nom sabendo sobre que era, o coração nom lhe queria consentir que na mão a tevesse». (Cap. XX).

«duas som as lembranças. Hua do coração e outra da cabeça». (Idem).

«Aalem das maneiras da tristeza em cyma scriptas, he hua muyto mais forte, que tira o dormir e gram parte do comer. E traz door ao coração com grandes tremores e agastamentos». (Cap. XXII).

«vos tornarees a vosso boo stado de coração spaços e bem ledos». (Cap. XXIIII).

«E o avorrecymento avemos dalguas pessoas que desamamos, ou de que avemos enveja, posto que seja em nossa secreta camara do coração». (Cap. XXV).

«por quanto suydade propriamente he sentido que o coração filha por se achar partydo da presença dalgua pessoa». (Idem).

«Suydade he sentido que o coração filha por se achar partydo da presença dalgua pessoa». Eis uma perfeita definição, dada quatro-

(1) J. A. Pires de Lima — loc. cit., p. 49.

(2) *Idem* «Portvcale» XV, 90 — Nov. Dez. 1942.

centos anos antes de Garrett e quinhentos anos antes que se escrevesse a deliciosa quadra, que principia :

« Ausência tem uma filha
Que se chama saúde... »

De quem tinha saúdaes D. Duarte ?

Da excelsa Rainha D. Filipa, que a peste vitimara nas vésperas da tomada de Ceuta

Do Rei de Boa Memória, de quem se ocupou larga e respeitadamente em muitas das páginas do seu livro.

Do Infante D. Pedro, o das Sete Partidas, que ainda persiste na memória dos cronistas da longínqua Romênia, até onde fôra com os seus cavaleiros, em cruzada contra os Turcos (1).

Do Infante D. Henrique, sempre ausente em Sagres, a planear, de acôrdo com o Chefe da Cristandade, a mais proficua de tôdas as cruzadas, a cruzada do Gama e de Albuquerque (2).

Do Infante Santo D. Fernando, que deu a vida, cativo dos Mouros, para que Deus não perdesse a cidade de Ceuta, que para Êle conquistaram os Filhos de D. João I.

A saúde, «delicioso pungir de acerbo espinho», foi direita ao coração de D. Duarte e, a meu ver, foi a causa da sua prematura morte.

Continuemos a registar outros passos àcerca do coração :

«Onde for teu thesouro, sera teu coração». (Cap. XXX).

«E por quanto el nos declara as cousas que saaem do coração fazeremnos lympos ou çujos». (Cap. RIII).

«Pera mayor declaração de como entendo que devemos aver das cosas sentimento virtuosamente, eu consiïro no coração de cadahuu de nos cynquo casas». (Cap. LXXXI).

«Porende convem, pera guardar esta ordenança das casas suso scriptas, que guardemos as portas do coração, que som nossos sentidos de veer, ouvyr, tanger, gostar, cheïrar». (Cap. LXXXVI).

«E por que do bem parecer o coração se contenta, em sua presença avyamos desejo de nos correger». (Cap. LRVIII).

Podia acrescentar muitas outras transcrições, mas parece-me não serem precisas mais para mostrar o significado da palavra *coração*, para El-Rei Dom Duarte.

Não quero terminar êste capítulo, contudo, sem me referir ao conselho do Cap. CIII, que é, por assim dizer, o epílogo e conclusão do *A B C da Lealdade*:

«a mym parece que deos special cârrego deu a cadahuu de seu coração, mandandonos dizer aquella pallavra que com toda delligencia o guardassemos, e como castello que nos em guarda possesse nollo encomenda».

Passemos agora ao *membro superior*.

(1) *Júlio Dantas* — O Infante D. Pedro na história romena (folhetim dominical do «Comércio do Pôrto»).

(2) *Joaquim Bensaúde* — A cruzada do Infante D. Henrique — Lisboa, 1943.

Parece-me que a palavra *membro* designa, para D. Duarte, qualquer parte do corpo, como ainda hoje sucede em linguagem corrente dos que não são técnicos.

No Cap. LIIII, que trata da profilaxia da peste, lê-se:

«ca veemos cortar ou queynar huu membro mal desposto por nom se perder per ssa contagiom o corpo todo».

A respeito do membro superior no seu conjunto (*braço direito, braço esquerdo*), só vejo uma referênica, na eugenhosa roda destinada a saber as horas durante a noite (Cap. CI e CII).

Um dos termos anatómicos mais empregados no *Leal Conselheiro* é *mão*, (mão direita ou destra e mão esquerda ou sestra), o qual é citado muitas vezes.

Lembraremos alguns passos daquele livro, em que se fala do segmento distal do membro superior:

Cap. XXIIII: «todallas cousas se tornam a bem aos que teem propositos de sanctos, que he tomar de ssua mãoo todallas cousas que nos faz que som por nosso bem»

Cap. XXVIII: «convem aos senhores principaaes guardarsse de nom filhar nem reteer o alheo, soffrendo suas mãos dos bees nom dereitamente avydos ou retendos».

Cap. XXIX: «porque o ssenhor manda que a mão ezquerda nom saibba o que fezer a direita».

Idem: «pareceme que por seermos daquelles que o ssenhor ao dia do juyzo poser aa deestra parte».

Cap. LI: «ca logo como a virtude do saber em elles enfraqueceo, logo enfermar começou a mão da cavallaria».

Cap. LIII: «por trazer os seus bem costumados a soffrerem trabalhos em o vellar, roldar, cavalgarem muy ameude com as lanças na mão e cotas vestidas».

Cap. LVI: «mais he avydo em todas que por deestra e seestra mão se ha de tal guysa, que em cadahua se faz vencedor».

Cap. LXXXIX: «Nom saibba a tua seestra o que faz a tua deestra».

Cap. LR: «Os sacrificios das mãos som avorrecidos, porque são avorrecidos do pecado».

Cap. LRVI: «que os cantores aprendam o ssalteiro, que quando lbes aa mão verher algũ beneficio, que o saibbam».

Cap. LRIX:

«Per a tua forte deestra,
que os infernos quebraste,
destruy todos meus imiiges,
pois sas artes desprezaste.»

Podia alongar mais as citações, mas estas já bastarão para mostrar a importância que Dom Duarte deu a este vocábulo.

Passemos agora a outro segmento — o abdomen.

Por três vezes este segmento do corpo humano é designado por *ventre*.

No Cap. XXXII versa o *Leal Conselheiro* o pecado da gula e duas vezes se refere ao *ventre* como sinónimo de *estômago*:

«Segunda, que o ventre de comer ou beber deseja sobejamente dencher».

«Da quarta vem fazer deos do seu ventre, nom avendo tanto desejo nem continuado pensamento de prazer ao senhor como a el, e aos gargantões convem nom guardar ora convenyente, e ssobejo comer e bever».

Outro significado tem essa palavra no passo, já citado, da «Oração do Justo Juiz» (Cap. LRIX):

«Tu que do ceo descendisti
enno ventre virginal,
hu, tomando logo carne,
livraste o ssegre do mal,
per teu sangue precioso
da perdiçom eternal».

Como se vê, a palavra ventre, significa útero, neste caso.

Do conteúdo da cavidade abdominopélvica, tirando o estômago e o útero, apenas se refere, uma vez, ao *fel*:

No Cap. XXXIII (Da deferença dos jejuus) fala-se da bile em sentido figurado, num passo inspirado na Bíblia:

«Terceira, daquelles que com sanha e nojo nom querem comer, nem aver mantiimento necessario, ou por a fazer a outrem, dos quaaes se screve que dam de comer aos outros amargura em seu fel envolto».

Preocupando-se com a fisiologia, patologia e higiene do aparelho digestivo, Dom Duarte muitas vezes fala do *estamago*. Assim denomina a cavidade gástrica, conforme, depois, fêz Camões e, ainda hoje, o povo do Minho.

Eis algumas citações:

Cap. LXXVI: «E estas tentações fazem filhar mayor sentido convem aos destas compreissões, nom porem a todos, que som alguns segundo determinaçom freimaticas no estamago, e todo o corpo calorico, e assy per outras semelhantes deferenças».

Cap. LRI: «Noveno, huu regymento que fiz para o estamago, por que a boa saude corporal he cousa bem de prezar; e aqueste regimento nom sollamente ao estamago aproveita, mes quem o guardar como convem na geeral maneira de seu vyver, quanto a esto perteece por bem regido sera contado».

Estes períodos aludem ao Cap. C (do Regimento do estamago), notável dissertação àcerca da patologia e da higiene das funções digestivas.

Dom Duarte que, anteriormente, fizera uma auto-observação da sua longa crise de neurastenia, também, neste capítulo, dá salutaes conselhos inspirados pelo seu caso pessoal. Assim começa o centésimo capítulo do «Leal Conselheiro»:

«Segundo a pratica que per mym passey, este acho boo regimento brevemente scripto pera quem tal estamago tem que lhe creça freyma, e alguma vez se destempera por ella».

E mais abaixo:

«E o vynho, se o beber, seja razoadamente auguado, per que, se he forte, da mayor trabalho ao estamago em no cozer e degerir, per que nom se pode bem soportar com pouco beber».

«O estamago nom deve trazer desabotoado nem froxo, mas igualmente sempre apertado».

«O estamago, acostumado a pouco comer alguns dias, sente asynha para comer quando lhe mudam seu costume».

«E sobre grande comer, scuse quanto poder filhar logo grande trabalho, e nom veze poer emprastó no estamago, nem o trazer sobejo cuberto, mais tragao como os outros geeralmente de ssua maneira trazem».

«Entendo que seja boo pera taaes estamagos provocarem cadahuu anno vomyto duas vezes».

«E se per myngua de ssono o estamago destempera, pera dormyr, sem comer nem beber se sem outra meezinha se correge».

Como se trata de comemoração vesaliana, escolhi, para esta palestra, um assunto morfológico.

Mas os médicos e os moralistas podem perscrutar no «Leal Conselheiro» objectos para outros estudos.

Se tiver oportunidade, ainda tentarei novo trabalho sôbre a patologia, a terapêutica e a hygiene na obra de D. Duarte.

Para isso, teria de confrontar numerosos passos dela com as doutrinas de Avicena, de Pedro Hispano, de Valesco de Taranta, etc.

Nesse estudo, se algum dia o efectuar, ocupar-me-ei da peste, que vitimou a excelsa Rainha D. Filipa de Lencastre e que afectou grande número de pessoas, incluindo o próprio D. Duarte; da raiva, a propósito da mordedura de D. João I por uma cadela danada; da neurastenia de D. Duarte; da febre (*quentura*) e da bronquite (*cadarrom*); das feridas, úlceras e chagas; das maleitas; da lepra; das gastrites e outras doenças.

Sôbre terapêutica, haverá que falar-se dos laxativos, sangrias e eméticos aconselhados por D. Duarte, das píululas, emplastos e mezinhas, e, principalmente, dos meios fisicos e psíquicos de que tanto se occupa o «Leal Conselheiro».

Tem a medicina preventiva um lugar primacial no livro de D. Duarte, que, a propósito da concepção e do parto, não esquece também a obstetrícia.

Afastando-me do programa, foi com prazer que citei alguns excellentes preceitos higiênicos aconselhados por El-Rei Dom Duarte. Se não derem resultado, lembra o autor a tomar «conselho doutro mylhor fisico», pois que podem falhar as suas prescrições.

Como quer que seja, diz o primogênito do Mestre de Avis: «Ainda que esto dissesse e começasse de jogo, em todo penso que acharóm que fallo certo e dou boo consselho».

Vou terminar citando a nomenclatura anatómica relativa ao último segmento do corpo humano — o *membro inferior*.

Assim como, ao modo popular moderno, é designado por braço o membro superior, também no *Leal Conselheiro* se chama *perna* ao membro inferior. No Cap. XIX, em que Dom Duarte expõe a auto-observação da sua longa doença, lê-se:

«E por que o dicto Rey, meu senhor, se veo acerca da cidade de Lixboa, onde tal pestellença era, que poucos dias passavom que me nom fallassem em pessoas conhecidas que de tramas adoeciam e morriam, por esto a tristeza, que de tanto tempo em mim se criava, mais se dobrou. E huu dia me deu grande sentymento em

hua perna, e me fez tal door com queentura, que me pos em grande alteraçom».

Tratar-se-ia de um bubão pestoso crural? Tudo leva a crer que sim.

Fala diversas vezes nos *pés*, e, àcêrca do membro inferior, apenas encontro mais o termo *geolho*. No Cap. RII, que trata dos frutos da penitência, lê-se: «Os meus geolhos enfraquecem por jejuus, e a minha carne he mudada per o azeite; ca eu comya ciuza assy como pam, e o meu beber era mesturado com choro».

A palavra *pé* encontra-se algumas vezes; por exemplo:

Cap. I: «Pera esta val muyto continuadamente querer saber toda cousa que razoada seja, guardando aquella palavra que, teendo na cova o pee, ainda desejamos daprender».

Cap. IV: «Terceiro, dos lavradores e pescadores, que assi como pees em que toda a cousa publica se mantem e soporta som chamados».

Cap. C: «E acustumar o corpo a rrazoado trabalho de pee, ou de besta».

«Aprender até morrer», diz um ditado moderno. Era o que queria exprimir Dom Duarte na primeira citação, quando refere que queremos aprender, mesmo quando temos os pés na cova (*na cova o pee*).

Nesta hora incerta em que tantas nações estão em perigo de sossobrar, é preciso que esta Pátria, que deu lições ao mundo, aproveite cada momento para mostrar o vigor das suas raízes quasi milenárias.

Para D. Duarte eram os lavradores e os pescadores «os pés em que toda a cousa publica se mantem e suporta».

Assim ficou definida a primazia dos que lavram a terra, a supremacia dêles sôbre os que exercem as artes mecánicas.

Ainda hoje o povo do Minho traduz o mesmo pensamento na graciosa quadra, colhida por meu filho, há anos, em Celorico de Basto (1).

«Sapateiros não são homens,
Alfaiates também não:
Onde chega o lavrador
Bate o pé e treme o chão!»

Na segunda citação, como disse, D. Duarte honra os lavradores e os pescadores, chamando-lhes a base da sociedade (*pés em que se sustenta a cousa pública*). E na terceira referência, aconselha os passeios a pé e a cavallo.

Finalmente, lê-se a palavra *pee* na legenda da engenhosa *roda* para saber de noite quantas horas são (Cap. CII).

No Cap. LXXXIX, enumerando os infelizes, de quem devemos ter caridade, não esquece os *mancos*, certamente os defeituosos do membro inferior.

E eis quanto pude encontrar de terminologia anatómica na obra do sábio Rei Dom Duarte I. Dir-se-á que é pouco, mas disso

(1) F. C. Pires de Lima — Cancioneiro minhoto, I, Barcelos, 1937.



não lhe cabe culpa. Naquele tempo, mesmo os médicos, que só tinham para estudo a anatomia de Galeno, usavam nomenclatura morfológica muito pobre.

O mundo, porém, ia ver grandes coisas.

Dom Duarte I, primogénito da inclita geração, ensinou aos Portugueses o *A B C da Lealdade*, que ajudou a preparar o advento do Gama e de Camões.

Não falando na aurora santa do Cristianismo, chegara a mais gloriosa era da história do Homem. O desabrochar da Dinastia de Avis marcou também o alvorecer da Renascença.

Para ela deu Portugal, cabeça da Europa, as Descobertas sonhadas pelo genial Infante D. Henrique; na Itália gerou-se Leonardo da Vinci, cuja obra é verdadeira síntese da beleza e da ciência; para divulgação dos conhecimentos humanos, antigos e modernos, apareceu na Alemanha o invento de Gutenberg; na fria Polónia ensinou Copérnico a mecânica do Universo; e, ao mesmo tempo, André Vesálio Bruxelense revelou a verdadeira constituição da maravilhosa fábrica do corpo humano. (*)

*Conferência pronunciada na
Faculdade de Medicina do
Pôrto, comemorativa do cen-
tenário de Vesálio*

(*) Não foi possível reproduzir perfeitamente a grafia original dos textos do «Leal Conselheiro».

